

Posteriormente, voltei à minha reflexão sobre os fatores climáticos e comecei a construir peças à volta deste tema. Ao esboçar a organização da cidade, imaginei esta sendo governada por máquinas que produziam tudo o que ela precisava para sobreviver, nomeadamente a terra, o ar, a água e o fogo. Esta decisão derivava de três influências: por um lado, a minha observação sobre estes fatores climáticos levaram-me a especular sobre um sistema que poderia estar por trás destes, manipulando a maneira como atuavam dentro da cidade; por outro lado estava inserida num laboratório que reunia um grupo de artistas que investigavam relações possíveis entre organismos orgânicos e artificiais, muitos deles criando robots ( como no caso do próprio Guto Nóbrega <sup>24</sup> ) e experimentando vários dispositivos electrónicos para poderem realizar esculturas maquinais; e por outro lado, identificava a minha cidade e a visão que esta tinha do mundo com as teorias de Deleuze e Guattari, que abordavam o papel do homem e das coisas como máquinas desejanças, cuja única função era produzir para a sua existência dentro da sociedade<sup>25</sup>. Refletindo estes autores, para mim este processo fazia sentido pois na minha visão, tudo o que observava era fruto de uma produção, e assim sendo, também pretendia que a minha cidade fosse como que um aglomerado de produções incessantes cujo único objetivo era produzir sem pensar na sua utilidade e identidade. A máquina parecia-me a metáfora apropriada para representar um sistema desinteressado, metódico e sem finalidade de criar algo fora da sua própria produção. Portanto, eram estes dispositivos que constituíam e faziam operar a cidade; todos os elementos deste lugar fictício, sendo eles naturais ou artificiais, eram produzidos diretamente por esta máquina. Era assim uma cidade que na verdade não dependia de um território ou de uma humanidade para existir, o que a sustentava era este sistema maquinal que ditava todas as normas deste lugar. No fundo, o que este projeto pretendia não era construir um território visível, onde o seu todo fosse perceptível, mas sim inventar um sistema que era a base desta ficção.

Sendo assim, o resultado pretendido era uma cidade que se apresentava pela sua fragmentação e segmentada segundo os elementos de física clássica. Ou seja, o que iria ser apresentado para o espectador eram as máquinas da cidade e os seus elementos, ou melhor dizendo, o seu próprio sistema, ao invés de um lugar

---

<sup>24</sup> NÓBREGA, Guto - Guto Nóbrega in <http://cargocollective.com/gutonobrega/filter/artwork>

<sup>25</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

consistente que desse a noção da sua globalidade. A noção de que uma cidade deve ser composta pela unificação de todos os seus elementos não era aqui compartilhada, pois aqui tudo estava dividido pelas suas funções, ficando à parte das outras. A máquina da terra, por exemplo, não iria funcionar conjuntamente com a máquina da água, ou a do ar com a da água; todos os sistemas operativos da cidade trabalhavam separados, produzindo apenas aquilo a que estão destinados.

Se o propósito da cidade era mostrar os seus fragmentos, não só criei máquinas como inventei outros elementos que iriam fazer parte desta. Já em Portugal tinha feito várias experiências em que o objetivo era a fragmentação de um território, assim como a sua conservação e dissecação analítica. O processo também passava por uma recolha de várias matérias, que eram depois levadas para uma espécie de “laboratório fictício” e aí eram divididas por secções, catalogadas e arquivadas como se aquele território tivesse sido armazenado naquele laboratório (figs. 29-31). Assim sendo, inspirei-me nas práticas arquivísticas e comecei a criar várias peças da cidade que seriam apresentados como os vestígios ou mesmo os rastos ou as memórias desta.